O falecimento de Lenin

09/11/2017

=”” width=”600?]

Lenin morreu vítima de doenças vasculares que o afetavam há algum tempo no dia 21 de janeiro de 1924. Transcrevemos a seguir um episódio de seus últimos momentos de vida, que evidencia quanto ele estava ciente da batalha que a revolução estava travando.

“Um homem vaga sozinho na imensidão gelada do Extremo Norte canadense, esfomeado, exaurido. Está perdido, seu companheiro morreu: luta para atingir o litoral.

Um lobo o espreita. Mas um lobo doente, numa situação quase tão ruim como a sua, que não ousa atacá-lo enquanto o homem parece ainda conservar alguma força.

Enfim, sem forças para dar mais um passo, o homem cai por terra. O lobo, acreditando que sua hora chegou, aproxima-se e tenta apertar os dentes na carne do homem. Mas ele próprio encontra-se tão enfraquecido pela doença que não consegue fechar as mandíbulas na presa. O homem é sacudido então por um último arranco: morde o lobo e é tamanha a energia do desespero que seus dentes abrem uma ferida na fera, cujo sangue ele bebe. O alimento lhe dá forças para continuar a caminhada. E ele atinge finalmente o litoral onde é salvo por um navio.

A novela de Jack London se chama **Amor à Vida**. *Trata-se do último texto cuja leitura Lenin quis ouvir, dois dias antes de sua morte, em janeiro de 1924. Lenin gostava muito desta história. E faleceu com esta imagem de uma luta final e atroz entre um homem esfomeado e um lobo doente, no momento em que a jovem República soviética, exaurida, mas provisoriamente vitoriosa, consolidava-se com a NEP (”Nova Política Econòmica”, adotada em 1921, pouco depois do fim da guerra civil).*

(Extrato do livro de Robert Linhart, “Lenin, os camponeses, Taylor”. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1983.)

[/box]

A PERMANÊNCIA DA PAIXÃO MAIS ALEGRE – POR JUAREZ GUIMARÃES

Não existe paixão mais alegre do que a aspiração a viver em um mundo da liberdade, da igualdade, da paz e sem opressão das mulheres, onde se possa amar livremente. É por encarnar esta aspiração que a revolução russa, cem anos depois, se apresenta para nós como o acontecimento mais importante e promissor de toda a história da humanidade. Nunca se sonhou tão alto assim porque se chamavam homens e mulheres – enriquecendo a letra da bela canção – e sonhos não envelhecem. E exatamente porque este sonho era demasiadamente humano – histórico, acometido de contingências e possibilidades de erros e descaminhos – ele não conseguiu se realizar.

“Vivemos conforme as ordens de Outubro, o fogo da aurora está no nosso olhar” – Maiakóvski

A revolução russa de 1917 foi certamente o acontecimento mais rico em formas de auto-organização de um povo, em revolta e em emancipação contra um dos regimes de exploração e opressão dos mais brutais da história. Trabalhadores, mulheres, camponeses, soldados, intelectuais e artistas compuseram cenas memoráveis da liberdade, para sempre gravadas na memória da humanidade. Cena de paz: soldados russos e alemães se confraternizando no front. Utopias de igualdade: “por que um cozinheiro não podia também governar”, perguntava Lenin nos cadernos azuis de seu livro mais libertário, “O Estado e a revolução?” De novas formas de viver em harmonia, propunha Trotsky em “Literatura e revolução”.

E, enfim, pela primeira vez na história um Estado anti-patriarcal: direito de voto e de ser eleita para as mulheres, igualdade de salários, seguro maternidade, princípio da emancipação do trabalho doméstico, direito ao aborto e ao divórcio. Uma nova moral sexual baseada na liberdade, conclamava Kollontai. Desde 1922, o casamento homoafetivo foi legalizado, pessoas trans podiam ser admitidas no Exército e desde 1926 os cartórios já admitiam a mudança de sexo nos documentos oficiais.

Mas, se é preciso falar desta paixão mais alegre, é preciso também falar, como socialistas democráticos, da tragédia desta paixão. Houve um fatal desencontro entre revolução e democracia. E este desencontro, já presente como tensão nos inícios de uma revolução barbaramente sitiada por exércitos mercenários e estrangeiros, formou o fenômeno do estalinismo. Não deve haver remissão nem esquecimento nem justificação para os crimes contra os direitos humanos ali cometidos.

“Toda história é remorso? ”, pergunta o verso de Drummond. Não: *somos herdeiros de outubro, da paixão libertária mais alegre e do que aprendemos, para sempre, da tragédia desta paixão.*

https://democraciasocialista.org.br/wp-content/uploads/2017/11/juarez.mp3

Para ler mais:
Revista Democracia Socialista de outubro 2017, nro. 6, o artigo **“Lenin em 1905: uma revolução que abalou uma doutrina”**, de Marcel Liebman.

Compartilhe nas redes: